

Casa e cêrca do sr. Lourenço Marques, em Macau

A estampa representa a casa e cêrca do sr. Lourenço Marques, em Macau, na qual está a celebre gruta de Camões. O mirante que a coroa divisa-se por entre o arvoredo acima da casa que tem frontão triangular, que é a da residencia do proprietario, cercada de jardins, horta e bosque, que a tornam uma das mais pittorescas da cidade, como se póde julgar pelo desenho.

Ao lado direito se vê parte da povoação chineza de Patane, já fóra dos muros da cidade, proxima da porta de Santo Antonio e da egreja e freguezia da mesma invocação, que ficam na parte occulta á esquerda do espectador.

A casa vasta e elegante, que está á esquerda do desenho, pertence e é occupada por irmãos e outros parentes do mesmo sr. Marques, e foi habitação de seu pae. Atraz d'esta divisam-se em grupo os mastros e velas de algumas embarcações chinezas, que costumam fundear proximo á povoação de Patane, ao sopé do monticulo, e que o circunda quasi todo.

O fundo representa o porto interior de Macau, vendo-se sobre a esquerda a ilha da Lapa, antigamente denominada dos Padres, e mais ao longe as alturas da chamada ilha, ou antes peninsula Heang-shan, d'onde corre um canal ou pequeno braço do rio de Cantão, denominado *Passagem de Macau*, que vem desembocar no dito porto interior.

Na ilha da Lapa ha tres povoações chinezas, em frente de Macau, que são: Lapa, Pacsan e Choimi. Esta ultima é fronteira á gruta de Camões.

Na direcção dos dois navios que se observam no porto está a importante povoação chineza chamada *Casa Branca*, e um pouco á direita o celebre forte do Passaleão, onde o actual major Vicente Nicolau de Mesquita praticou, com um punhado de valentes soldados, um dos maiores feitos de armas da moderna historia portugueza. [1]

O desenho e noticia especial da gruta de Camões póde vêr-se a pag. 17 do vol. I d'este semanario; e a pag. 189 do vol. IV, tambem a noticia e estampa do busto do grande poeta, que o sr. Lourenço Marques mandou fundir em bronze, em Lisboa, no arsenal do exercito, para collocar na dita gruta. Por este e outros factos de patriotica dedicação á memoria de Camões, e pelos longos serviços que tem prestado como membro do senado e procurador da cidade de Macau, é que o mesmo sr. foi agraciado com a commenda de Christo, que já tivera seu pae, o fallecido coronel Pio Marques.

As presentes noções e a gravura, completam, com as anteriores a que nos referimos, o que ha de mais notavel em Macau em commemoração do principe dos nossos poetas.

C. J. CALDEIRA.

[1] Vid. o retrato e biographia d'este distinctissimo official, publicada a pag. 159 do precedente vol. d'este semanario.

AMOR DE CIGANA

(Vid. pag. 43)

III

CARTAS

JORGE DA SILVEIRA A ALBERTO DA FONSECA

Meu bom amigo — Não te dizia eu, ha de haver dois mezes, que a fada das aventuras surgia sempre que nós nos dessemos ao trabalho de a evocar? Não se encontra, de certo, no caminho do Marrare para S. Carlos, e, ainda que alguns dos nossos elegantes de Lisboa julguem tel-a soprendido nos bailes de mascaras, podes convencer-te que abraçam sempre a nuvem por Juno, e que se enganam tão grosseiramente como o cardeal de Rohan, suppondo ter nos braços a rainha de França, quando tinha apenas uma mulher do povo. A fada que eu adoro não frequenta esses sitios vulgares, gosta da excentricidade, e tem razão.

Na noite que se seguiu áquella em que me deixáste, encontrei uma d'essas deliciosas aventuras de amor, que sempre ambiciona a minha organisação de artista! Um amor inesperado, que não entra nunca na senda da banalidade: extravagante em tudo, no modo como se manifestou, no seu delirio, nas suas exigencias, uma aventura de romance em fim.

Enamorou-se de mim uma cigana! E, ao sentir esse amor despontar no seu peito, não reflectiu, não hesitou, veiu lançar-se nos meus braços, e dizer-me: «Sou tua». E depois venha um cavallo fino! Salta para a sella! Solta as redeas ao cavallo! Vamos aonde nos levar o acaso! Brilhe para nós sempre no ceo a estrella do suave delirio! Viagem deliciosa! Sóltas ao vento as crinas do corcel, o braço d'ella cingindo-me o corpo, o seu cabello fluctuando no meu rosto, e ahi vamos nós percorrendo o mundo! Parando ás vezes n'uma ou n'outra cidade, escondendo-nos bem n'um canto de uma estalagem, transformando um quarto sombrio em ninho amoroso illuminado pelo alegre sol da nossa juventude, e aqui tens tu uma aventura em regra! As horas da minha vida deslisam risonhas sem eu me dar ao trabalho de as contar! O capricho é a nossa lei; não temos que respeitar conveniencias mundanas.

E tu, entretanto? Ah! já sei! Provavelmente tens algum namoro burguezissimo, a quem dizes meia duzia de semsaborias da meia noite ás duas, em quanto os varredores se formam em grupos pittorescos no horisonte da esquina proxima! Adeus, engorda, e eu... a galope, caminho de Castella.—Teu amigo — *Jorge.*

JORGE DA SILVEIRA A ALBERTO DA FONSECA

Meu caro Alberto — Eu adoro as flores com paixão, mas sou com ellas talvez um tanto cruel. Não gosto de as colher no jardim, de formar graciosos ramalhetes, de os collocar cuidadosamente em jarra doirada, de os tratar com amor, renovando-lhes a agua todos os dias. Para que? Por mais que eu estremeça as graciosas florinhas, hei de sentir todas as manhãs um cruel pezar, vendo-as definhar a pouco e pouco, esmorecer-lhes o viço, e desbotarem-se-lhes as côres. Prefiro, quando ellas estão em todo o esplendor da sua primavera, mettel-as nas paginas de um livro, e deixal-as alli seccar, conservando nas pétalas o risonho colorido e a suave formosura. E depois, quando, passados annos, volto a abrir o volume em que as encerrei, vendo-as ainda tão gentís, creio aspirar-lhes de novo o balsamico perfume.

Confesso-te envergonhado que sou tambem assim com os amores. Para que hei de beber eu, até á ultima gota, o inebriante licor das aventuras de coração? Por que hei de eu deixar a saciedade vir sentar-se invisivel entre mim e a mulher que me fez conhecer os gozos celestiaes? O amor, como tudo o que é humano, tem um limite onde forçosamente se vê obrigado a parar. Chegando ahi, ha de retrogradar por força. O amor é uma montanha, florida e seductora de um dos lados, arida do outro. Sóbe-se tão rapidamente a risonha ladeira, chega-se tão depressa ao cume encantador! Depois a descida é custosa, porque a subida prostrou-nos. Essas flores do coração, flores dos vinte annos, cujo perfume nos seduz, é triste vêl-as desfolhar, Alberto, apesar do cuidado com que as tratâmos! Antes conserval-as sempre formosas no livro da mocidade, e, quando vier a velhice, e que a nossa memoria percorrer de novo essas paginas risonhas, havemos de encontral-as viçosas e suaves, e havemos de nos deliciar com o vago perfume da juventude, que ha de rescender nas suas folhas já séccas.

Espantam-te, de certo, estas theorias, philosophicamente desdenhosas, prégadas pelo homem que te escreveu, ha dois mezes, a carta enthusiastica a que tu, com razão, não respondeste. Que queres tu? Dois mezes em amor são dois seculos. E em dois seculos que de transformações! Admiras-te da minha chronologia? Não se admira, de certo, quem souber os annos de felicidade que se podem conter n'um instante de delirio. Depois, esgotada a taça, o que fica do licor? Um aroma que se desvanece, e, a final, o vidro só, inerte e frio. O que fica da rosa, depois de desfolhada? A haste que baloiça o vento indifferente, e n'essa haste os espinhos que rasgam o peito d'aquelle que procurar fazer florir novas rosas com o calor do coração.

Os espinhos, sim! Pois não são verdadeiros espinhos as exigencias e os ciumes da mulher que adorâmos, quando o amor já perdeu o seu frescor primeiro? Os ciumes, meu caro, são o absynthio do amor. Despertam o appetite, em quanto o appetite é susceptivel de se despertar; mas, quando já estamos devéras saciados, então sentimos-lhe tambem devéras o travo.

Não tenho animo para te escrever mais. Passo os dias em luctas com Rosita, ou procurando enxugar as suas lagrimas, que me importunam. Que queres tu? Se a indifferença, serpente astuciosa, cingiu com as geladas roscas o meu coração, que lhe hei de eu fazer? Mas tu crê-me sempre — Teu verdadeiro amigo — *Jorge.*

ALBERTO DA FONSECA A JORGE DA SILVEIRA

Meu caro amigo — Não respondi á tua primeira carta, porque já esperava a segunda. Para que te havia de eu fazer uma prophecia, cuja realisação o teu orgulho te havia de impedir de me confessar depois? A sorte de Cassandra serviu-me de lição. Para que havia de eu dizer do teu amor o que ella disse de Troya, que em breve estaria reduzido a cinzas? Tu, como os troyanos, não me acreditavas, e o desastre nem por isso deixava de se realisar. Foi melhor assim.

És injusto com o amor, meu bom amigo; e dir-te-hei, servindo-me da expressão favorita de um dos heroes de Fennimore Cooper, que generalisas demasiadamente as tuas theorias. Tambem tu abraçaste a nuvem por Juno, e tomaste por amor o que não era senão um capricho da tua imaginação exaltada. Não alardeies o teu paganismo de artista, e não queiras convencer-te e convencer os outros de que o amor é simplesmente a excitação dos sentidos. O amor, considerado só pelo seu lado material, produz o tedio forçosamente. Acaba como tudo o que é material. Não lhe acontece o mesmo se o animar o sopro da essencia divina. O amor, Jorge, não é, não póde ser tal

como Chamfort o definiu, a troca de dois caprichos e o contacto de duas epidermes; é tambem, e principalmente, o enlace de duas almas. Tu quizeste profanar esse sagrado sentimento, e queixas-te agora do resultado do sacrilegio?

Jorge, o amor não é uma flor que dure uma estação, e que se desfolhe a pouco e pouco. Sél-o-ha, quando o conservares simplesmente na jarra doirada da voluptuosidade, em vez de o conservares, bem recatado, no sanctuario do coração. O amor não se chama só paixão; chama-se tambem affecto. Não é labareda passageira de incendio devorador, a qual, em se apagando, só deixa cinzas; é labareda, sim, mas é a chamma da pyra da vestal, constante e inalteravel. E sabes como se denomina a vestal que alimenta eternamente o fogo d'esse amor? Tem o nome bem suave do anjo da familia.

Amigo, para se fugir da senda da banalidade não é necessario ir-se a gente perder nas veredas tortuosas d'esses amores ficticios. Ha uma outra estrada larga tambem, risonha, serena, tentadora, e comtudo, ai! bem pouco frequentada; é a do amor no casamento. Por que ha de ser o casamento simplesmente a instituição burgueza, onde o homem vae buscar uma dona de casa, e a mulher um responsavel pelas contas da modista? Por que não ha de a alcova nupcial conservar sempre as suas cortinas brancas, em cujas dobras se esconda o anjo dos poeticos amores? E tu, um artista, tu, homem de coração, não serías capaz de entrar com passo firme e seguro n'essa risonha estrada, que tão poucos pisam apesar de se offerecer tão facil?

Mas onde encontraria eu, dizes tu, uma mulher que soubesse apreciar a ineffavel poesia d'essa existencia? Onde encontraria eu um anjo, de cujos hombros se não desprendessem as azas ao atravessar a prosa chata do casamento? Onde? Ao teu lado. N'essa casa onde a tentação te appareceu. Tinhas a felicidade a dois passos, nem reparaste n'ella, e foste procurar a desgraça, que nem sequer se approximou de ti. É o que sempre acontece; é esta a historia eterna da humanidade, e depois queixam-se da boa fortuna que os abandona. Que os abandona? Pelo contrario, a quem elles não abrem a porta.

Pan! Pan! c'est la fortune.
Pan! Pan! je n'ouvre pas.

Lembras-te d'aquella vinheta ingleza, de quem tu me fallaste com tanto desdem, e que, dizias tu, te consagrava apenas uma affeição fraternal? Lembras-te de Lucia, em fim? Nunca a sua branca imagem te appareceu em sonhos nas tuas noites de insomnia, e não julgaste ver o teu anjo da guarda que vinha sentar-se mudamente ao teu lado? Pois bem, Lucia de Azevedo, essa aguarella de Lawrence, ama-te, e ama-te loucamente.

Como sabes isso? — perguntas-me tu. Eu te respondo.

Devo dizer-te em primeiro logar que sou actualmente hospede de Silvestre de Azevedo. Tive occasião, em Lisboa, de lhe prestar alguns serviços, de favorecer uma pretenção que elle tinha no ministerio das obras publicas, e o bom do homem não me deixou em quanto lhe não prometti, solemnemente, ir passar com elle um verão no tempo das sementeiras. Prometti, e fui.

A recepção que me fizeram foi cordialissima da parte de Sylvestre de Azevedo; cortez, inda que um pouco altiva, da parte de D. Francisca; amavel da parte de Lucia. Achei esta um pouco mudada. Pallida, olheiras fundissimas constantemente, e magra a ponto de ter as faces encovadas. Attribui essa mudança á influencia do seu desenvolvimento. A transição da infancia para a adolescencia é quasi sempre acompanhada d'esse *malaise* incomprehensivel. São as chuvas da primavera.

Reunimo-nos á noite em torno da mesa. Conversámos ácerca de Lisboa; a sra. D. Francisca desejou que eu lhe désse noticias de todos os fidalgos da capital. Contei-lhe todas as anecdotas que andavam então em voga no mundo aristocratico, e pude assim conquistar as boas graças da altiva esposa de Sylvestre. Ouvi com toda a attenção as longas historias, que ella me contou, de casa dos condes de Alemquer, e applaudi a maxima, cem vezes repetida, com que a boa senhora justificava todas as extravagancias bastante plebéas dos filhos da casa, e que é a que tu já conheces. «Os fidalgos não são como os mechanicos». Depois de esgotada a provisão das suas recordações aristocraticas, fallámos em ti, e na tua extraordinaria desapparição.

Assim que o teu nome se pronunciou, Lucia ergueu os olhos, que tinha conservado constantemente baixos, não os despregando não sei de que trabalho feminino, que parecia absorver toda a sua attenção; e um vivo rubor illuminou as suas faces pallidas. Primeiro symptoma.

Todos ignoravam aqui o motivo da tua partida. Como depois soube por alguns aldeãos dos arredores, que tinham sido de uma discrição extraordinaria (talvez por saberem o que eu tinha presentido, a affeição de Lucia por ti), tu combinaste o rapto com uma destreza machiavelica, e foste operal-o n'uma outra *halte* dos ciganos. Sirva isto de circunstancia attenuante.

D. Francisca fallou de ti como de um ingrato e de um estouvado, e eu defendi-te da primeira accusação, que da segunda bem sabes que me era impossivel fazel-o. Disse que tinha recebido noticias tuas, que estavas na Hespanha, aonde tinhas ido fazer uma digressão artistica, e que a tua partida secreta tivera por motivo não ousar sustentar com a sra. D. Francisca, a quem tu muito respeitavas, uma discussão inevitavel, attendendo á antipathia pronunciada que s. exc. tinha pelas viagens.

Eu arriscava-me, n'este ponto, n'um terreno escorregadio. Tanto sabía eu se a sra. D. Francisca detestava as viagens, como se era adoradora da locomoção. Em quanto estive torneando as phrases embrulhadas do meu discurso apologetico, dei-te ao diabo umas poucas de vezes, deves acredital-o, e jurei a mim mesmo que, se me falhasse este meio, abandonava a tua defesa, e apressava-me em lavar as minhas mãos de toda a complicidade.

O acaso favoreceu-me e favoreceu-te. A sra. D. Francisca, effectivamente, era inimiga figadal das viagens, como provou n'uma longa verrina contra os caminhos de ferro, e contra as demais invenções d'este seculo perverso, invenções que favoreciam as *escapades* (isto não disse ella) dos estouvados como tu. Em todo o caso convenci-a, mas não tive egual felicidade com Lucia. O sorriso, meio triste meio ironico, que volteiou nos seus labios vermelhos, mostrou-me que dera pouco credito ao meu aranzel de advogado officioso, e que não tinha grande confiança na tua timidez. Comtudo, um olhar expressivo agradeceu o valor com que eu entrára na arena da mentira a pugnar por ti. Segundo symptoma.

Levantámo-nos da mesa, e cada um se retirou para o seu quarto. A noite estava linda, e na atmosphera fluctuavam os primeiros effluvios da primavera, que principiava. A quinta estava de tentar. Peguei n'um charuto, n'esse companheiro que temos sempre a nosso dispor nas horas de solidão, que está prompto sempre a arder por nós, e que reduzimos barbaramente a cinzas, para de novo o encontrarmos surgindo d'ellas como a phenix da antiguidade; accendi-o, e fui fumar para o jardim.

Peripatetico fumador, passeei largo tempo nas alamedas, divertindo-me em ver a minha sombra fugir apressada de mim mesmo, interrogando os raios da lua, fallando com a brisa, que soltava em torno o seu murmurio zombeteiro, deliciando-me em contemplar a immensa tranquillidade da natureza. Depois voltei para casa.

Uma das janellas estava aberta, e um vulto feminino estava encostado no parapeito. Era Lucia.

O ruido dos meus passos não a fez mudar de attitude. Tinha um braço encostado á janella, o rosto erguido para o ceo, e apoiando-se na mão aberta. Os seus olhos fitavam-se na lua, já se vê, n'essa eterna confidente dos namorados de todos os tempos.

«Estava á janella pelo mesmo motivo por que tu tinhas ido passeiar; porque estava a noite bonita», observas tu encolhendo os hombros.

Ouve o resto. Quando voltei ao meu quarto senti a curiosidade de saber se com effeito as minhas conjecturas seriam verdadeiras. Deitei-me, peguei n'um livro, e estive a ler até alta noite. Quando acabei levantei-me, e abri, sem fazer ruido, a janella do meu quarto. Começava já a fazer-se sentir a brisa fresca da madrugada, e as sombras, rarefazendo-se um pouco, tinham já como que um presentimento da proxima desapparição. No horisonte, porém, não havia ainda nem o mais tenue alvor. Não esmorecêra ainda a argentea luz da lua, e a rainha da noite continuava a campear orgulhosa no seu throno azul. Lucia estava na mesma attitude contemplativa. Terceiro symptoma.

Qual é a imagem que ella contempla durante longas noites de insomnia, fluctuando vagamente no horisonte nocturno? Que sentimento a absorve a ponto de a fazer abandonar o leito virginal, e vir encostar-se á janella com o pretexto de contemplar a lua, mas, na realidade, para deixar esvoaçar o espirito em busca de uma visão adorada? É a tua imagem, estouvado! É o amor, Jorge!

Podêres tu possuir a chave de oiro d'este coração, podêres ser o senhor de um thesouro inesgotavel de sonhos virginaes, realisar-lh'os um a um, revelar-lhe os ineffaveis mysterios do amor, e desprezares tudo isso para ires embriagar-te grosseiramente n'uma orgia sensual, orgia rapida, no fim da qual encontras o tedio e a indifferença!

Loucura, Jorge! Loucura!

Estás a tempo de te arrependeres. Vem fazer o acto de contrição; e a penitencia... invejo-t'a eu. — Teu amigo — *Alberto.*

ALBERTO DA FONSECA A JORGE DA SILVEIRA

Jorge — Volta depressa! Abandona tudo! Despedaça todos os laços com que um falso ponto de honra te pretende algemar! Vem, se não queres ter um remorso eterno na tua vida, e se não queres ser culpado de um assassinio, de um verdadeiro assassinio!

A pallidez, o definhar lento mas continuo de Lucia, que eu julguei serem apenas os resultados das vigilias contemplativas, tem uma causa mais grave, e essa causa é uma affecção moral.

Lucia soffre, e soffre muito! Adivinhou, presentiu a causa da tua ausencia! Não sabe que fugiste com uma cigana, mas suspeita, ou antes está firmemente convencida de que é uma mulher quem te retem longe d'ella.

Por mais que tentei, não consegui dissuadil-a. Mas, se por esse lado foram infructiferos os meus esforços, lucrei por outro lado, porque pude conhecer a immensa bondade angelical d'esse coração de pomba, que tu, doido, mil vezes doido, não soubeste avaliar!

Uma tarde d'estas fomos todos quatro passeiar. Eu dei o braço á sra. D. Francisca, e resignei-me a aturar o seu passo magestoso, e as suas não menos magestosas narrações. Sylvestre de Azevedo, que não cabia em si de contente por ter apanhado em mim um substituto, ia do outro lado da estrada, de chapeo no alto da cabeça (ia assim porque estava livre da vigilancia conjugal). A sra. D. Francisca, se não fosse tão entretida, não lhe consentiria, de certo, esses modos tão pouco senhoris, mãos atraz das costas, e contemplando os seus vastos campos de trigo, onde os homens da lavoira iam guiando vagarosamente a charrua, que rasgava as entranhas da terra. O bom do Sylvestre, de vez em quando, tirava as mãos detraz das costas, e começava a fazer contas com os dedos. Estava discutindo o orçamento comsigo mesmo. Era elle o ministro, a opposição, e a maioria.

Lucia caminhava mais adiante pensativa; com a ponteira da sombrinha ia derrubando pobres e timidas florinhas, que principiavam de abrir o seio ás primeiras auras da primavera.

A sra. D. Francisca estava cançada, e foi-nos forçoso, portanto, repoisar. Um muro de pedras soltas foi o nosso rustico banco.

Sylvestre de Azevedo sentou-se então junto de sua esposa, e principiou a communicar-lhe os seus planos de orçamento. O desejo de publicidade, inherente a todos os auctores, venceu n'elle o desejo de se livrar o mais possivel da tutella de sua esposa. D. Francisca, boa dona de casa, como tu sabes, prestou-lhe a mais séria attenção, fazendo de vez em quando observações prolixas, que eram interrompidas pelo marido, travando-se dentro em pouco um dialogo animadissimo. D'isso me aproveitei para me afastar.

Lucia tinha ficado em pé, um pouco desviada, contemplando o panorama dos campos, que o sol illuminava com frouxa luz já moribunda. Os bois, atrelados á charrua, percorriam lentamente os campos, e formavam aqui e além grupos pittorescos, que davam uma certa animação á paizagem. O canto da *desgarrada*, com o seu prolongamento melancholico, vinha expirar tristemente no nosso ouvido. Tudo aquillo era de inspirar vagas saudades, e de fazer derramar lagrimas inexplicaveis.

Approximei-me de Lucia com o pretexto de lhe perguntar se o fumo do charuto a incommodava. Respondeu-me negativamente.

— Que suavidade n'este panorama! — disse eu.

— E que tristeza! — accrescentou ella.

— Creio que se engana, minha senhora, respondi, nós vemos quasi sempre a natureza pelo prisma do nosso coração. Ou envolvemos a paizagem no lucto dos nossos pezares, ou adornâmol-a com o risonho manto das nossas alegrias.

— Talvez seja assim! murmurou Lucia.

— Quer isso dizer que está triste?

— Eu?! porque?

— Eu sei! minha senhora. A sua edade é a edade dos sonhos, e quem diz sonho diz tristeza, porque após o sonho vem sempre o desengano.

— E bem cruel ás vezes, não é verdade? — bradou ella arrebatadamente.

— Immensamente cruel. Os sonhos são quadros que a imaginação pinta na tela do coração; espalha n'elles a phantasia todas as riquezas do seu colorido, illumina-os com a immensa luz que lhe póde prestar o deslumbrante sol da juventude. Depois vem a realidade. Imagina o vulgo que a realidade não faz mais do que reduzir as figuras ás suas verdadeiras proporções, e partir o prisma através do qual se tornava deslumbrante um quadro simplesmente vulgar. Não é assim. A realidade é mais brutal, não diminue o colorido, apaga-o; não reduz as figuras ás suas verdadeiras proporções, arranca-as sem pensar que, arrancando-as, vae rasgar a tela que é o coração.

— E com o coração a vida... felizmente. Para que

nos serviria a existencia desornada completamente das galas devaneadas? Era um supplicio, se não fosse a esperança da morte.

— Da morte?! — tornei eu.

— Da morte, sim! Se soubesse como é bom sentir-se a gente morrer lentamente! E quando os outros nem suspeitam a approximação do anjo terrivel, sentil-o apoderar-se de nós, rasgar uma a uma as fibras do coração, fibras que nem a dor já faz vibrar!

E Lucia inclinou a cabeça sobre o peito, e uma lagrima deslisou lentamente pelas faces emmagrecidas.

— Pois tanto ama Jorge? — bradei eu.

— Jorge?! — disse a gentil menina erguendo os olhos espantada.

— Jorge, sim! Julga que não adivinhei tudo? Era facil.

— Pois sim, é verdade, amo-o, tornou ella deixando correr livremente as lagrimas, amo-o loucamente, e o ingrato nem uma só vez pensou em mim. E eu a accusal-o! Como poderia elle adivinhar que a criança, a quem chamava irmã, o amava mais do que a um irmão, com um amor cioso, um amor ardente que me devora? E tenho occultado cuidadosamente este amor no meu seio. Assim póde elle correr aonde o coração o chama, sem que a minha imagem lacrymosa o persiga, e turve as suas alegrias! Se eu morrer, ha de chorar dois dias, e depois ha de pensar em mim sem amargura, e com uma tristeza suave! Sabendo que



Sala do andar superior da torre de Belem

morria por elle, havia de sentir mais ou menos o espinho do remorso, e nunca mais seria completamente feliz. Antes assim! Só peço a Deus que essa mulher desconhecida, por causa de quem elle nos abandonou, lhe dê toda a ventura, que eu talvez lhe não podesse dar...

Interrompeu-a um accesso violento de tosse. Em quanto fallava, as faces tinham-se conservado pallidas, mas com duas rosetas desmaiadas. Jorge, Lucia está dando os primeiros passos n'uma carreira que póde percorrer rapidamente, e que tem a sepultura por termo fatal.

Em vão a quiz persuadir de que não fôra mulher alguma a causa da tua partida. Ella ouviu-me sorrindo, e só me respondeu:

— Jorge não tem laço algum que o prenda; póde fazer o que quizer.

Acabára a discussão do orçamento domestico entre os paes de Lucia. D. Francisca levantou-se, e veiu de novo reclamar o meu braço. Voltámos para casa no mesmo estilo de procissão.

Fecho esta carta repetindo-te:

Vem depressa, Jorge, se não queres ser culpado de um verdadeiro assassinio. — Teu amigo — *Alberto*.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INÉDITO)

FORTALEZAS E LINHAS DE DEFESA DA CIDADE

TORRE DE S. VICENTE DE BELEM

(Vid. pag. 52)

Foi fundada esta fortaleza quasi no meio do Tejo sobre uns grandes rochedos, que só na baixamar ficavam a descoberto. Quando se acabou, e por muitos annos depois, navegavam entre a torre e a margem do norte navios que não fossem dos de maior lotação.

Com o tempo, e a natural tendencia do Tejo para obstruir aquella sua margem, foi esta crescendo sobre o rio, o qual tambem, por effeito do encontro que essa edificação lhe apresentava, ia depositando e accumulando areias junto á base da torre para o lado de terra, onde a corrente era menos forte. D'est'arte se formou um banco de areia, que veiu a unir-se á terra firme. Todavia, posto que ficasse impedida por alli a navegação de embarcações de alto mar, continuou por largos annos aquelle canal a offerecer passagem aos barcos do serviço do rio. Isto succedia ainda na primeira metade do seculo passado. No fim d'elle apenas os botes podiam navegar por alli na maré cheia. O forte do *Bom Successo*, construido, como já disse-

mos, nos principios do seculo actual, acabou de todo com aquella communicação, pois que deu causa a novas e mais rapidas accumulações de areia, com as quaes ficou a torre de S. Vicente de Belem completamente sentada na margem do norte, no pontal de uma comprida e larga restinga de areias. Ha pouco mais de trinta annos ainda o Tejo cercava, nas grandes marés, os tres lados da torre até ás paredes posteriores do forte do Bom Successo. Presentemente, na baixamar das marés ordinarias, passa-se com facilidade, a pé enxuto, pela frente da torre de uma praia para a outra.

É construida toda esta fortaleza de pedra de cantaria, tendo as muralhas um pouco mais de tres metros de espessura. Tem duas baterias: uma casamatada, situada inferiormente, outr'ora ao lume de agua, com quinze canhoneiras, hoje desguarnecidas; a outra collocada sobre esta, formando uma espaçosa plataforma com sete canhoneiras e cêrca de ameias, com suas guaritas nos angulos. Foi d'aqui que o artista tirou o desenho de que é cópia a nossa gravura a pag. 61.

No centro d'esta plataforma está a grande abertura que dá ingresso e luz para a bateria inferior. A grade de pedra, que a cérca, é decorada nos angulos por quatro columnas, coroadas por outras tantas espheras armillares, e nos intervallos lateraes das columnas por quatro pyramides, duas de cada lado, tudo guarnecido de lavores variados. No intervallo da frente avulta a imagem de Nossa Senhora de Belem, com o Menino Jesus nos braços, mettida em um nicho, coberto com um gracioso baldaquino, arrendado e lavrado com muita diversidade de relêvos.

No primeiro andar da torre está a *sala régia*, com uma porta para a varanda, que se estende por toda a largura da fachada da mesma torre. A sala é quadrada, mas o tecto, de abobada de pedra, é elliptico, do que resulta a singular particularidade de se podérem corresponder em voz baixa duas pessoas, collocadas nos angulos da casa, em quanto que uma terceira posta no meio da sala, e por conseguinte mais perto de cada um dos interlocutores, nada póde ouvir. A varanda resalta da parede da torre, sendo sustentada por cachorros de pedra. É coberta com abobada, que se firma em sete arcos, e estes em oito columnas, correndo no intervallo d'ellas uma gradaria de pedra.

Sobre a varanda, no segundo andar, abrem-se duas janellas, ornadas com seus lavores, ficando no centro o escudo das armas reaes, e nos lados as divisas delrei D. Manuel.

Por cima d'este andar corre pelas quatro frentes da fortaleza o azarve ameiado, sustentado sobre cachorros de pedra, que deixam abertos os espaços entre si, chamados *machicoulis*, por onde, segundo as antigas praticas de guerra, se lançavam ao inimigo que accommettia as portas da torre, pedras, virotes, materias inflammadas, agua ou azeite fervendo. Nas ameias do azarve, bem como nas da plataforma, estão entalhadas as cruzes floreteadas da ordem de Christo.

No terceiro e ultimo andar acha-se a sala representada na gravura, que acompanha este artigo. Tem duas janellas, uma com assentos, que deita para o azarve, e está voltada para Lisboa; e outra um pouco mais elevada, e que olha para o norte. O pavimento é de marmore em xadrez, e o tecto de abobada abatida, e toda de artesões. A parede exterior d'esta sala para o lado da frente da fortaleza, que é o do sul, não tem janella nem ornato algum.

Sobre este andar ha um eirado, cercado de ameias, e com guaritas nos angulos, onde se hasteia a bandeira nacional, e o pavilhão real quando el-rei visita a fortaleza. D'este eirado goza-se um lindo panorama em dilatado horisonte.

Não se limitou o architecto a adornar a fachada principal da torre. Tambem nas outras frentes deixou provas da sua phantasia artistica, e do seu bom gosto, sobre tudo na que está voltada para o norte. Decoram esta frente, nos angulos, duas guaritas, inferiores ao primeiro andar, e por cima d'estas, duas estatuas mettidas em nichos, e debaixo de baldaquinos abertos em rendas, e guarnecidos de lavores; no primeiro andar uma grande e formosa janella de sacada, resaltando da parede sobre tres cachorros de pedra, formada por dois arcos, sustentados por tres columnas, e coberta por uma cupula; no segundo andar outra janella, tambem com tres columnas, mas de peitoril, e sem resaltar; no terceiro o adarve de que já fallámos, e as ameias e guaritas do eirado superior. No envasamento da torre ha uma porta, por cima da qual corre um cordão todo lavrado, que une as guaritas dos angulos. Nas fachadas lateraes tem o primeiro e segundo andar janellas eguaes ás que deixámos descriptas.

A entrada da fortaleza, que deita para éste, é por uma escada de pedra, que lhe serviu de caes, e que conduz a uma porta que se abre na altura da bateria inferior.

I. de Vilhena Barbosa.

OS PLANOS DE CARLOS V SOBRE PORTUGAL

A usurpação da coroa portugueza por Filippe II de Hespanha não foi um negocio suggerido a este soberano pela desgraçada perda del-rei D. Sebastião em Africa, como geralmente se presume. Já muito anteriormente era assumpto das machinações e intrigas de Castella; e não errará, sem duvida, quem disser que todas, ou quasi todas as causas de que resultou aquella dupla catastrophe, foram effeitos de um plano concertado e seguido pela corte de Madrid com singular perseverança, e executado em Lisboa pelos seus agentes, com tanta audacia como astucia.

O imperador Carlos V, que pensára, nos devaneios da sua illimitada ambição, em cingir a fronte com a coroa da monarchia universal, não podia deixar de estender a vista, com olhos de muita cobiça, para este nosso paiz, embora pequeno, mas que a natureza dotára com um dos melhores portos do mundo.

Se este monarcha não consultasse senão o seu animo guerreiro e aventuroso, teria começado, certamente, a pôr em prática o seu intento, invadindo Portugal, e esforçando-se para o submetter ao seu sceptro de ferro. Porém, como habil politico, não julgou prudente vir affrontar a bravura e coragem de um povo cioso da sua liberdade, e briosamente mantenedor da sua independencia, em quanto Francisco I, o seu poderoso rival, lhe embargava o passo nas fronteiras da França, e lhe disputava na Italia a influencia e poder. Além d'isso, graças á illustrada politica de D. João I, seguida pelos reis seus successores, Portugal já não era uma simples leira de terra no extremo occidental da Europa. Era a capital de um potente imperio, era a cabeça de um gigante, cujos braços se estendiam pelo interior da Africa, da Asia e da America. Era o emporio das mercadorias do Oriente, o primeiro centro commercial do mundo, uma das principaes potencias maritimas do globo. Era, em fim, uma nação de bravos, organisada, por assim dizer, militarmente, afeita aos triumphos, e vivendo, mais que a vida material, a vida do espirito, em que os estimulos da gloria e o amor da patria bradam mais alto que todos os interesses egoistas.

Carlos V resolveu-se, portanto, a lançar mão de outros meios que já lhe eram familiares, e lhe tinham servido para sustentar e estender a sua auctoridade na Allemanha e na Italia. Concebeu, pois, um plano,

que devia dar-lhe, mais cedo ou mais tarde, a suspirada posse de Portugal, não por força de armas, mas sim pela força dos successos preparados e dispostos adredè para a absorpção da coroa portugueza.

O desenvolvimento d'esse plano, as suas variadas phases e modificações, os fios tenebrosos que lhe serviram de meios de acção, os personagens que n'elle figuraram como instrumentos activos ou passivos, os episodios e scenas de todo o genero que originou, constituem uma parte muito importante da historia do nosso paiz, quasi toda secreta, e curiosissima para quem desejar conhecer as causas efficientes dos grandes successos.

Não cabe nos estreitos limites de um artigo de jornal o que era assumpto para um grosso volume. O nosso proposito n'esta occasião nem sequer nos leva a colligir apontamentos para essa historia ainda não escripta. Por agora o nosso fim, tocando n'esta materia, é auctorisar o que dissemos em uma nota a pag. 35, com algumas passagens extrahidas de uma obra composta e escripta sob a protecção real, debaixo da censura de uma academia, e á vista de documentos fornecidos por todos os archivos do reino.

O casamento do imperador Carlos v com a infanta D. Isabel, irmã del-rei D. João III, foi, em nossa opinião, o primeiro elo d'essa longa cadeia de intrigas, suggestões e crimes, talvez. Todavia, todas as tentativas da corte de Madrid, quer fossem tramas occultos, quer negociações publicas, como o consorcio do principe D. Filippe, depois rei 2.º do nome, com a infanta D. Maria, filha de D. João III, limitavam-se a preparar o terreno e a dispor as coisas.

Porém, apenas falleceu el-rei D. João III, como deixasse o sceptro nas mãos de uma criança de tres annos, activaram-se as diligencias de Castella, e redobraram os seus manejos secretos. Dizem respeito a este periodo os seguintes excerptos das *Memorias para a historia del-rei D. Sebastião*, publicadas no anno de 1736 pela academia real de historia portugueza:

«Depois que o heroico coração de S. Francisco de Borja desprezou a phantastica pompa do mundo, antepondo a pobreza evangelica ao herdado esplendor da sua casa, para fugir ao tumulto da corte, que voluntariamente deixára, escolheu por domicilio o noviciado de Simancas, de que foi architecto o seu profundo abatimento, onde, occulto e quasi sepultado, passava o tempo absorto na suave contemplação dos divinos attributos. D'este delicioso retiro da sua alma o chamou, por uma carta, a princeza D. Joanna, em que lhe insinuava ter recebido ordem expressa de seu pae, Carlos v, para que logo partisse a Juste, pois queria servir-se da sua prudente fidelidade em um negocio de summa importancia. [1]

«Obedeceu promptamente o santo varão, não lhe causando impedimento para a jornada o excessivo calor do estio, nem a debilidade do corpo, attenuado com rigorosas penitencias; e, elegendo por companheiros aos padres Dionysio Vasques e Francisco de Bustamante, com o irmão Francisco Brionas, chegou a Valladolid a beijar a mão á princeza; e depois partiu para Juste, onde foi recebido pelo Cesar com ternissimas expressões de affecto.

«Era esta a terceira vez que Carlos v, depois de estar retirado a este solitario e austero claustro, chamára ao santo Borja; e, escolhendo um logar onde ninguem podesse perceber o que lhe queria propor, lhe disse que o negocio para que o inquietára da sua devota habitação era de tão graves consequencias, que sómente o confiava da alta comprehensão e larga experiencia do seu talento, pois n'elle se interessava toda a monarchia hespanhola, com a proxima esperança de unir Portugal a Castella. Que não ignorava possuir aquelle reino uma firme ancora para a sua conservação na pessoa de seu neto; porém, como era tão tenra a sua edade, poderia a morte romper mais facilmente vida tão delicada, quando contra a sua violencia era fragil e caduca a fortaleza dos marmores e dos bronzes. Que desejava que Portugal jurasse condicionalmente, na falta del-rei D. Sebastião, por successor da coroa ao principe D. Carlos, seu neto [1], servindo para facilitar a execução d'esta empreza, quando não bastasse a conveniencia de ambas as monarchias, o exemplo de ser jurado por successor da coroa Castelhana el-rei D. Manuel, ao tempo que ainda a sustentavam em suas cabeças os reis catholicos Fernando e Isabel. Sobre tudo lhe encommendava que, depois de proposta esta negociação á rainha D. Catharina, sua irmã [2], de cujo amor e prudencia unicamente a fiava, observasse n'aquella materia tão profundo segredo, que nunca podésse ser penetrado pela perspicacia mais politica, pois todo o seu feliz successo pendia de que todos o ignorassem.

«Acceitou o santo Borja esta embaixada secreta, que o Cesar não julgou indigna da sua profissão religiosa, pois com ella se estabelecia a tranquillidade publica, e se desarmava a discordia entre duas nações tão bellicosas como confinantes.

«Ordenou ao seu secretario Martinho Gaztelú que entregasse as cartas credenciaes d'aquella occulta negociação ao santo Borja, para que legalmente constasse á rainha D. Catharina qual era o seu intento; e dispostas as cifras de que devia usar para que o imperador e o santo seguramente se correspondessem, elegeu aquelle o nome de Micer Agostinho, e este o de Francisco Morales.

«Despedido Borja da presença do Cesar, partiu a Placencia, d'onde dirigiu a jornada para Portugal. O primeiro logar d'este reino em que descançou do caminho foi Evora Monte, celebre villa do Alemtejo, onde, querendo fortalecer com espiritual alimento a debilidade do corpo, entrou com o padre Dionysio Vasques na egreja matriz para celebrar o incruento sacrificio da missa.»

(Continua) I. de Vilhena Barbosa.

PREJUIZOS POPULARES ÁCERCA DOS ELEPHANTES

Na Asia não ha animal mais util ao homem que o elephante. Ou seja na guerra e nas longas viagens, na lavoura e no transporte de generos, ou seja nas caçadas e nas excursões de recreio, o elephante é um companheiro do homem para toda a parte, um companheiro fiel, intelligente, soffredor, e dedicado nos trabalhos e nos prazeres.

As nossas conquistas no Oriente familiarisaram-nos com este prestadio animal. Os seus costumes fizeram-se conhecidos em todo Portugal, póde-se até dizer que se tornaram populares, tanto pelo que ácerca d'elles escreveram os nossos historiadores da India, como pelo que referiam os que regressavam á patria depois de terem servido n'aquellas longinquas regiões.

Todavia, por entre tantas noticias que descrevem com exactidão a indole e costumes do elephante, por entre as mil diversas anecdotas que dão a medida de todas aquellas qualidades d'este nobre animal, divulgou-se e enraizou-se em nosso paiz um erro sobre alguns dos seus habitos mais importantes. Dizia-se que todos os seus movimentos eram morosos e pesados por defeito de organisação, faltando-lhes nas pernas e mãos

[1] A princeza D. Joanna era mãe del-rei D. Sebastião. Logo depois de dar á luz este filho, achando-se já então viuva, retirou-se para Hespanha por instantes solicitações de seu irmão, D. Filippe II, em quem o imperador Carlos v abdicára a coroa de Castella, recolhendo-se ao convento de S. Justo.

[1] Este principe era filho de D. Filippe II, e da nossa infanta D. Maria, que morreu dando-o á luz.

[2] A rainha D. Catharina, avó del-rei D. Sebastião, então regente do reino.

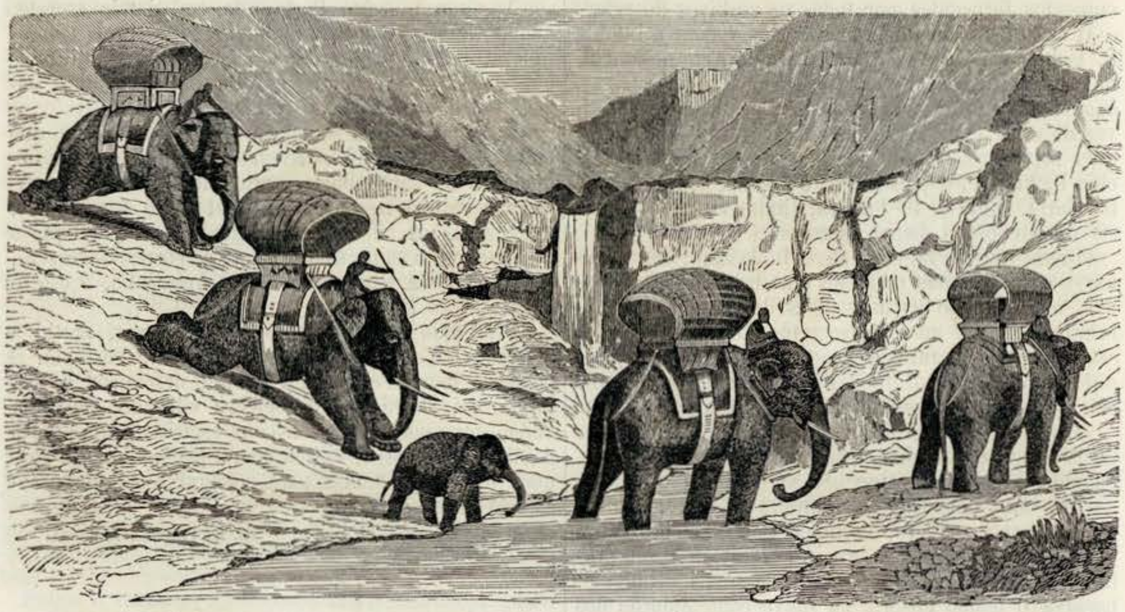
as articulações necessarias á agilidade do corpo. D'esta erronea opinião nasceram, pois, extravagantes historias, a que o povo dava inteiro credito.

Segundo essas historias, o elephante dormia encostado ás arvores, por não se poder deitar nem levantar; e por esta razão costumavam os caçadores serrar até dois terços da grossura certas arvores, a que elles se encostavam de preferencia, de modo que, no dia seguinte, jaziam por terra a arvore e o elephante, que assim ficava sendo facil tropheo do seu perseguidor. Com este e outros contos do mesmo teor ácerca das luctas d'este animal com o rhinoceronte, seu antagonista, pintavam o elephante quasi como uma machina de difficil movimento.

Este prejuizo, em vez de desapparecer com os progressos da civilisação, cresceu com o tempo; pois que, tendo querido experimentar el-rei D. Manuel os effeitos da antipathia natural que ha entre o rhinoceronte e o elephante, mandou lançar para um pateo dos paços da Ribeira, no principio do seculo XVI, dois d'estes animaes, chegados da India havia pouco; e então os moradores de Lisboa tiveram occasião de ver o segundo d'aquelles quadrupedes, fugido do pateo, correr pelas ruas da cidade com pasmosa ligeireza.

Passaram estas impressões, prevalecendo as fabulas dos narradores ignorantes, as quaes continuaram a ganhar credito com as proprias exposições de elephantes, que de tempos em tempos se faziam nos circos, e em outros logares d'esta cidade; porquanto, limitando-se as suas habilidades a alguns poucos exercicios que não demandavam agilidade, e que, pelo contrario, elles executavam com muita pausa e lentidão, muitas vezes mesmo porque eram obrigados a regular os seus movimentos pela estreiteza do espaço em que trabalhavam, o povo que concorria a taes espectaculos saía d'alli firme na crença de que o corpulento quadrupede se mexia com difficuldade.

Hoje devem ter acabado essas patranhas para todas as pessoas que assistiram aos exercicios dos elephantes, que trabalharam no circo Price, em Lisboa, no



Caravana de elephantes atravessando as montanhas de Laos

anno passado; pois que presencearam a promptidão com que elles se deitavam, e erguiam do chão; a facilidade com que se empinavam, ora apoiados só nos pés, ora sómente nas mãos; e em fim a incrivel agilidade com que dançavam em continuas e rapidas voltas ao redor da praça, ou, o que era mais para admirar, sobre o fundo de uma celha, sem faltarem ao compasso da musica tanto nos adagios, como nos alegros.

Para mais confirmar o que dizemos, publicâmos uma gravura, copiada do Tour du Monde, e que n'este excellente jornal acompanha um extenso artigo da viagem que o fallecido naturalista francez, Henrique Mouhot, emprehendeu aos reinos de Sião, de Cambodge, de Laos, e outras partes centraes do territorio Indo-China, nos annos de 1858 a 1861.

Representa a gravura uma caravana de elephantes, atravessando as montanhas do reino de Laos. Conforme a descripção d'aquella viagem são tantas e taes as difficuldades que estas montanhas offerecem ao transito, que mr. Mouhot chama *caminhos do diabo* a essas sendas eriçadas de rochedos, e cortadas a cada passo de rios e de precipicios. Porém o elephante vence todos estes obstaculos, umas vezes por effeito das proporções colossaes do seu corpo, e do seu intelligente tacto, que lhe permittem calcular o espaço e tactear o terreno para transpor quebradas, e atravessar rios e pantanos, impraticaveis para cavallos; outras vezes pela sua firmeza, que faz com que elle possa descer ingremes ladeiras, semeadas de pedras soltas, sem que lhe escorregue um pé; aqui pela força e habilidade com que affasta e quebra os troncos das arvores, abrindo passagem através das mattas emmaranhadas; alli pela agilidade com que faz leve seu pesadissimo corpo, trepando sobre as rochas, ao subir as encostas escarpadas de serras fragosas; acolá, finalmente, pela elasticidade dos seus membros, e pela arte com que aproveitam essa vantagem em certos passos difficeis, como na descida escorregadia, ou movediça, dos montes de argila compacta, ou de areia solta.

Este ultimo passo está representado em a nossa gravura. N'ella se vê o modo admiravel por que funccionam as articulações d'este prodigioso quadrupede; pois que ao mesmo tempo que une e estende as mãos, deixando-se escorregar pela ladeira, dobra inteiramente e deita para traz as pernas, que vem arrastando, para equilibrar o peso do corpo, e evitar a descida precipitada.

I. de Vilhena Barbosa.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio